

'O CINEMA PERDEU A RELEVÂNCIA' CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

● Mas são poucos filmes relevantes mesmo num momento em que a produção brasileira não para de crescer?

Exatamente, são mais de cem filmes por ano. Acho que falta fazer um cinema útil, durável, que nos leve a debater. O que existe hoje é um cinema descartável, de puro entretenimento. Não é apenas no Brasil. Eu não sou contra o cinema pop, mas esses filmes de super-heróis me interessam pouquíssimo. Um filme como "Boyhood", que é espetacular, só aparece de vez em quando. São raros. O cinema perdeu sua força.

● E ainda é possível fazer esse cinema útil e atrair pessoas? Os filmes brasileiros, quando estreiam, não passam muito de uma semana em cartaz por falta de interesse do público.

Essa é a pergunta de um milhão de dólares. Acho que a resposta passa por garantir o espaço do filme na sala, para que o público possa encontrar esse filme, mas passa também por uma autocrítica dos realizadores para saber se eles estão conseguindo fazer algo interessante para as pessoas. Se

não houver uma preocupação com o público, o cinema vira um clube de aeromodelismo.

● Esse debate esbarra numa discussão antiga que existe no Brasil, sobre o financiamento dos filmes.

As leis de incentivo que nasceram no Brasil têm como vício de origem essa isenção de 100% do imposto de renda. Às vezes a pessoa não está nem aí se vai lançar o filme ou não. Não faz diferença se o público viu ou não: o cara já pegou o dinheiro, fez o filme, circulou nos festivais e deu entrevista. As leis de incentivo criaram um descompromisso com o público. Mas, por outro lado, se só existirem filmes cujo interesse é fazer milhões de espectadores, você acaba criando um cinema descartável. São essas comédias fáceis que têm um megapúblico, mas, passados cinco anos, viram peça de museu. Não servem para nada, são muito frágeis. Acho que todo tipo de filme deve ser feito, mas é preciso repensar como financiar essas produções. E também sou a favor de encontrarmos um cinema intermediário entre os fil-



Novo filme. Previsto para 2015, "Real beleza" será focado no mundo da moda

mes totalmente cabeça e esses arrasa-quarteirão. Um cinema popular de qualidade.

● É o que você buscou nas suas ficções?

É o que eu, o Guel Arraes e nossa turma sempre pensamos. Queremos fazer coisas populares, mas que não sejam só bobagem.

● Você já disse que seus filmes são sobre pessoas modificadas por uma paixão. Por que esse tipo de história

lhe interessa?

São paixões diversificadas, não apenas por mulheres. Em "Saneamento básico", por exemplo, a paixão era pelo cinema. Acontece que eu sempre vi a ficção como um exercício para a alma, onde a gente exercita nossas emoções através do outro. Quando vê um filme como "Ladrões de bicicleta" (1948), você se transforma, passa a enxergar a vida de outro ponto de vista. Ou, quando você vê "Corações e mentes" (1974), entende o

horror da guerra. São situações que te educam emocionalmente, numa diversidade de temas. A outra opção de cinema é apelar para os instintos mais básicos. Se quiser, você pode fazer um filme com sexo e violência pelo qual qualquer ser humano vai se interessar. São situações que sempre vão funcionar, mas isso acaba banalizando o cinema. Para fazer algo mais complexo, é necessário elaboração.

● Como você busca essa elaboração no seu próximo filme, "Real beleza", que estreia no ano que vem?

"Real beleza" é a história de um fotógrafo em crise, que volta ao começo da carreira para procurar jovens modelos e acaba se apaixonando pela mãe de uma das meninas. A partir daí, a gente discute o critério para definir beleza. O que faz uma modelo valer um bilhão e outra quase igual não valer nem perto disso? O filme é um drama sobre a história de um cara que está perdido procurando a beleza e se apaixona no caminho.

● Você já se decepcionou com alguma reação a seus filmes?

Em termos de público, eu acho que "O mercado de notícias" foi primeiro filme com o qual não me decepcionei. Sempre ache que eles iriam bombar, mas me filme de maior público foi "O homem que copiava" (2003), com uns 700 mil espectadores. "Saneamento básico" (2007) era um comédia com Fernanda Torres, Wagner Moura, Lázaro Ramos, Camila Pitanga, um baita elenco achei que iria arrebentar. Mas fez 400 mil. Também o que eu poderia esperar de um filme chamado "Saneamento básico"? Muit gente me falou para trocar o título para "Monstro do fosso", que eu já ganharia 200 mil pessoas. Mas eu não quis. Achava engraçado: o Brasil não tem saneamento básico, mas teria um filme chamado assim. Perdi o público, mas não perdi a piada. É uma lógica diferente desses blockbusters de hoje, com piadas de veados, de escatologia. Isso eu não quero fazer. Procuro o público, mas fazendo filmes duráveis. ●

NA WEB
VIDEO
 oglobo.com.br/cultura
 Assista a trailers de
 filmes de Jorge Furtado